

MAIS DE 6 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

**GLENN
COOPER**

O SINAL
da
CRUZ

E se uma poderosa relíquia
pudesse mudar o curso da História?



TOP
SEL
LER

«Uma combinação perfeita
entre thriller moderno e histórico.»

James Rollins, autor bestseller internacional

Capítulo 1

Síria Palestina, 327

O sol inclemente de Jerusalém fustigara a terra até fazer dela rocha. Apesar do calor do meio-dia, os trabalhadores de pele curti-da que brandiam pesados alviões não ousavam interromper a cadência dos movimentos. A senhora estava por perto, atenta a todos os seus gestos, escutando os estalidos musicais do ferro a bater na pedra dura.

Estava sentada à sombra da sua tenda, sobre um monte achatado de detritos sobranceiro à escavação. Soldados romanos de rosto fechado montavam guarda em cada um dos cantos da estrutura de abertura lateral. Estes homens e os seus camaradas, que cercavam o local com um aro de metal, não eram legionários normais, mas sim uma coorte de centuriões de elite escolhidos pelo próprio imperador.

Não é que houvesse ameaças específicas contra a pessoa da senhora ou até uma sensação generalizada de ameaça. Na verdade, a maior parte da população de Jerusalém apoiava as suas ações e apreciava a sua generosidade para com os pobres. Mas não havia lugar a displicências. Um insatisfeito com uma físga seria o suficiente para desencadear uma catástrofe. Aquela era a mãe do imperador, uma imperatriz por direito próprio.

Flávia Júlia Helena Augusta.

A serva da taberna que havia sido consorte de um imperador, Constâncio Cloro, e mãe de outro ainda mais importante, que a História viria a conhecer como Constantino, o *Grande*. O homem

que desafiara séculos de tradição romana, varrendo os deuses para um canto e abraçando o cristianismo.

Se Constantino fora o varredor, a Helena coubera o papel de vassoura.

Estava de tal forma fascinada com aquela jovem religião cristã que, à beira dos 80 anos — quando quase todas as mulheres nobres de propecta idade se limitavam a ser transportadas de divisão em divisão em confortáveis vilas romanas —, a ágil Helena fazia peregrinações a terras distantes em busca das relíquias de Cristo.

Chegada à cidade sagrada de Jerusalém com a sua comitiva, surpreendeu a população ao caminhar entre eles nos seus mercados e igrejas, perguntando o que tinham aprendido com os seus antepassados sobre a localização do túmulo de Cristo e do Monte Gólgota: o local da crucificação. A história oral era forte. Numa terra tão antiga e rica em tradição oral, 300 anos não passavam de um grão de areia no tempo. Agora, dois anos após o início da sua expedição, o fim estava à vista, e o sucesso de Helena era inequívoco. Mandara construir igrejas em Belém, que considerava ser o local do nascimento de Cristo, e no Monte das Oliveiras, o lugar da ascensão. Estas descobertas eram meras trivialidades, comparadas com a tarefa monumental no Calvário: o local mais frequentemente mencionado pelos habitantes como o lugar onde Jesus tinha sido enterrado. Duzentos anos antes, o Imperador Adriano levava a cabo a reconstrução de Jerusalém no seguimento da violenta e destrutiva rebelião dos judeus. No Calvário, cobrira o monte com terra e erguera um enorme templo dedicado a Vénus, e recaíra sobre Helena a tarefa de destruir esse edifício, pedra a pedra.

O venerado Bispo Macário de Jerusalém era o companheiro constante e conselheiro espiritual de Helena, e fora ele que escolhera o lugar da escavação, depois de o terreno ter sido limpo. Uma equipa de homens com pás e alviões (na sua maioria gregos e sírios) encabeçada pelo capataz, um sírio untuoso chamado Safar, cedo encontrara um túmulo de estilo judaico antigo escavado na rocha. Safar ajudou Macário a descer por uma escada pelo poço de escavação e, quando o velho bispo regressou para junto

de Helena, proclamou por entre lágrimas que aquele era o túmulo do próprio Salvador. Semanas mais tarde, não muito longe dali, os escavadores desenterraram três conjuntos de madeiras apodrecidas e petrificadas. Quando foram retiradas do poço e depositas aos pés de Helena para inspeção, ela e Macário declararam, jubilosos, que eram aquelas as cruzes de Cristo e dos dois ladrões. Mas qual seria a de Cristo?

Macário propôs uma solução para aquele problema.

Pedaços de cada uma das cruzes foram levados até ao leito de uma mulher caquética que estava às portas da morte, vítima de tumores na barriga. Primeiro, um pedaço de madeira foi colocado na sua mão. Nada aconteceu. De igual modo, um segundo pedaço de madeira surtiu o mesmo efeito. Mas o terceiro revelou ser milagroso. A mulher agarrou na lasca de madeira e a sua cor passou de amarelo a cor-de-rosa, e o inchaço na barriga diminuiu. Ela sentou-se direita pela primeira vez em muitos anos e sorriu.

Tinham encontrado a cruz sagrada.

Helena tinha agora uma última demanda antes de recolher todas as suas relíquias e encetar a viagem de regresso a Roma. Enviou de novo os escavadores para dentro do poço para que encontrassem as cavilhas da crucificação.

— Serão três ou quatro? — perguntou ela a Macário.

O bispo estava sentado a seu lado na tenda.

— Não lhe sei dizer, senhora. Alguns carrascos preferiam usar um espigão para cada um dos tornozelos. Outros trespassavam os dois tornozelos com um só espigão.

— Espero que se despachem — disse ela. — Sou uma mulher de idade avançada.

O bispo riu-se com o zelo de quem já ouvira aquelas mesmas palavras inúmeras vezes.

No interior do poço e longe da vista, Safar viu os seus homens escavarem a terra por baixo do local onde tinham encontrado a cruz sagrada. O seu olhar atento detetou algo. Afastou o homem que estava mais próximo de si e prosseguiu ele próprio a tarefa com a picareta. Escavando de joelhos, expôs um grande espigão, negro da oxidação. Era comprido, do tamanho da mão de um

homem, quadrangular, preservando ainda a cabeça plana. Estava prestes a arrancá-lo quando os seus olhos pousaram sobre um ponto negro a pouca distância, e logo a seguir expôs uma segunda cavilha, mais curta e com a ponta partida. A seguir, um homem que estava a alguns metros de distância chamou-o em sírio. Tinha descoberto outra cavilha. Enquanto perscrutava o túnel, Safar reparou em mais um ponto negro. Pouco depois, contavam já com quatro cavilhas. A última já tinha perdido metade da cabeça, aparentemente cortada aquando da inserção ou da retirada da cruz.

— A senhora ficará contente, não? — perguntou o operário a Safar.

— Tenho a certeza de que ficará muito satisfeita — respondeu Safar, de olhos postos no céu pálido. — A sua missão está cumprida. Partirá em breve.

— Vai dar-nos algumas moedas? — perguntou o trabalhador.

— Vai dar-me uma bolsa cheia de moedas, e, se não abrires a boca, terás o teu quinhão.

— Se não abrir a boca em relação a quê?

— Vou dar-lhe apenas três cavilhas.

— E a quarta?

— Essa ficará para mim — disse-lhe, apontando para a última que havia sido encontrada, a que tinha a cabeça partida. — Há muito que sou obrigado a suportar o jugo de uma mulher.

— É uma imperatriz.

— Não deixa de ser uma mulher. Esta é a minha recompensa por tal indignidade. Além disso, está partida e ela vai acusar-nos de a termos danificado. Vou vender esta relíquia. Se abrires a boca, morrerás na miséria.

Safar usou a picareta para limpar a terra à volta da quarta cavilha, até conseguir soltá-la. Cerrou os dedos à volta dela com ganância, para lhe tomar o peso, mas soltou-a de imediato. Sentiu um formigueiro no pulso, um ligeiro calor desconfortável, e rapidamente guardou a cavilha no bolso da frente das suas vestes.

O outro trabalhador escalou o poço e correu para a tenda de Helena.

— O Safar encontrou as cavilhas, majestade! — anunciou.

A cara enrugada de Helena iluminou-se com a notícia.

— Quantas? — perguntou, enquanto Safar se aproximava.

— Três ou quatro?

Safar esboçou um sorriso desdentado.

— Três, majestade. Apenas três.

Capítulo 2

Assunção, Paraguai, 1955

Ele era um rapaz de 11 anos sensível, dado a encolher-se quando o pai o maltratava, o que só contribuía para enfurecer ainda mais aquela figura imponente.

— Sê um homem, diabos te levem! Não choramingues!

O pai era como um vulcão. Quando a pressão atingia o limite, entrava em erupção. O isolamento de Otto Schneider era de tal ordem que não tinha mais ninguém em quem descarregar senão na mulher e no filho. Mas por cada dez vezes que o pai ameaçava o jovem Lambret por causa de uma qualquer transgressão, real ou imaginária, batia-lhe apenas uma. Este quociente restrito de 10 para 1 era de tal forma preciso que o jovem Lambret sabia quando era chegada a altura das mazelas e preparava-se de antemão. A mãe não suportava os castigos físicos, por isso, quando se tornavam iminentes, saía a correr da divisão, em lágrimas, e só voltava quando tudo estava terminado para oferecer beijos e uma fatia de bolo ao filho. E quando era ela o alvo de uma mão aberta, ou pior ainda, o rapaz imitava-lhe a gentileza e trazia-lhe doces.

— Odeio-o.

— Ele não faz por mal, Lambret. Deves amá-lo. Ele está sob muita pressão. Outrora foi um general, um homem importante. Agora... Bem, é teu pai. Temos de compreender.

O rapaz não estava matriculado na escola. O pai recusava-se a permitir que ele aprendesse espanhol, que considerava uma língua degenerada, e, quanto menos pessoas soubessem que a família

que morava naquela casa modesta era alemã, melhor. A mãe havia sido professora de línguas no seu país e era ela quem lidava com o mundo que ficava para lá do portão do jardim. Dava aulas em casa a Lambret seis dias por semana, cinco horas por dia, ou mais ainda se o pai achasse que ele estava a ser mandrião. Era sujeito a uma dieta restrita de Latim e Grego, além de Literatura e Cultura Alemãs. A única disciplina na qual Otto mostrava interesse era História. As provações e tribulações da raça ariana eram particularmente importantes para ele. O rapaz precisava de saber a verdade, não a propaganda e os dislates sionistas. Tinha nascido em Berlim, em finais de 1944, altura em que o esforço de guerra ia de mal a pior. Otto batizara-o Lambret, que significava «luz da terra» em alemão antigo, um gesto ridiculamente otimista tendo em conta as trevas que se abatiam sobre a Alemanha. Havia uma fotografia fechada à chave em cima da secretária do escritório do pai de Himmler a beijar a face do pequeno Lambret.

Aquela secretária suscitava um fascínio sem limites. Ao longo dos anos que tinham passado na casa, o rapaz tinha visto o pai abrir as gavetas da secretária e examinar toda a sorte de artefactos prodigiosos. Quando fazia perguntas sobre eles, era sempre admoestado com acrimónia, até ao dia em que o pai finalmente lhe contou que, futuramente, todos os tesouros encerrados na secretária seriam seus.

— Quando?

— Quando eu morrer.

— E quando será isso?

— Em breve, se os sacanas levarem a sua avante.

Lambret não sabia quem eram os tais sacanas, mas torceu em silêncio por eles.

Ultimamente, quando o pai passava pelas brasas à tarde e a mãe preparava o jantar, o rapaz começara a deixar que a curiosidade levasse a melhor relativamente aos conteúdos da grande secretária e fazia incursões pelo escritório em busca da chave da gaveta. Era uma divisão ampla com muitos esconderijos possíveis. Havia centenas de livros, cinzeiros, suportes de cachimbos, canecas de cerveja regimentais e decorativas, e inúmeros bricabraques. Era

possível que a chave andasse sempre com o seu pai, mas Lambret não se deixava dissuadir. Não passava mais de cinco minutos por dia na sua demanda furtiva. Se fosse apanhado a vasculhar na divisão interdita, as consequências seriam demasiado aterradoras para sequer as contemplar.

Lambret voltou a tentar. Com os olhos postos no relógio de pêndulo pousado na cornija da lareira do escritório, de modo que não perdesse a noção do tempo, o rapaz olhou para dentro e por debaixo de todas as canecas de cerveja, apesar de já o ter feito antes. O cão do vizinho ladrou. O relógio de pêndulo bateu uma vez a assinalar a meia hora. Ocorreu-lhe que nunca tinha inspecionado o relógio. Puxando de uma cadeira, o rapaz subiu e pegou cuidadosamente na campânula de vidro, pousando-a em cima da secretária. Havia uma gravação na base de latão: uma inscrição honorífica dedicada ao pai, da parte do regimento, e uma suástica embutida com pequenos rubis. Levantou o relógio para espreitar por baixo, e ali estava ela! A chave da secretária estava presa por uma tira de cabedal.

O cão voltou a ladrar.

Com as mãos trémulas, o rapaz pegou na chave e inseriu-a na fechadura da gaveta de cima. Ao girá-la, ouviu o som aprazível do mecanismo a abrir as gavetas laterais. Ao longe, ouviu a mãe a pousar uma tigela pesada sobre a grelha do fogão. Ainda tinha metade do tempo para explorar. Dirigiu imediatamente a atenção para a gaveta inferior do lado direito. Aquela de onde há muito tinha visto o pai retirar um artefacto que, até àquele dia, continuava a povoar a sua imaginação. Lá dentro, estava um único objeto comprido embrulhado em veludo azul.

Era pesado.

Sentou-se na cadeira do pai, pousou-o em cima da secretária e desembulhou-o lentamente.

Era tal qual ele se lembrava.

A ponta da lança media 60 centímetros desde o topo afiado até ao encaixe oco. A parte mais larga tinha 5 centímetros de largura. O aço era escuro, quase negro. Ficou fascinado com o seu peso e adornos. Uma folha fina de ouro trabalhado, tão brilhante

que o fez semicerrar os olhos, revestia a parte central da lâmina. Por cima da folha de ouro, um espigão fino e preto ocupava a cavidade central entalhada no aço. Estava fixa por quatro bobinas individuais de fio de prata dobrados com firmeza. A lança parecia ser a personificação da força física, e, enquanto a afagava nas suas pequenas mãos, o rapaz quase sentia o seu poder destrutivo.

— O que é que estás a fazer?

Lambret quase deixou cair a arma.

O pai estava plantado na soleira da porta, em meias.

— Desculpe — tartamudeou o rapaz.

— Sabes que vais ser castigado, não sabes?

Lambret sabia que ia levar uma tarefa e que, por direito, seria das piores. Mas algo não batia certo. O pai parecia estar demasiado calmo, tendo em conta as circunstâncias, o que inquietava o rapaz ainda mais.

Tinha a boca tão seca que as palavras quase não se fizeram ouvir.

— Eu sei.

— Ouvi o cão a ladrar — disse o pai, como que ausente. Entrou no escritório. Por breves instantes, Lambret considerou defender-se com o objeto que tinha nas mãos. — Sabes o que é isso?

— Uma lança?

— É a ponta de uma lança romana. É uma réplica. Sabes o que isso significa?

— Que não é verdadeira?

— É bastante fiel. Significa que não é original, mas não deixa de ser especial. É uma réplica da Lança de Longino, também conhecida como Lança do Destino. Já ouviste falar dela? — O rapaz abanou a cabeça. — Longino foi o soldado romano que usou a sua lança para desferir o último golpe contra Jesus quando ele estava na cruz. Os cristãos consideram-na uma lança sagrada.

— E é sagrada?

— Não sei, mas possui certos poderes. A verdadeira, bem entendido.

Lambret sentiu-se encorajado pela fluidez da conversa. Regra geral, o castigo era precedido de um rápido chorrilho de gritos e impropérios.

— Onde a arranjou?

— Foi-me dada nos últimos dias da guerra pelo próprio Heinrich Himmler. Sabes quem foi, não sabes?

— Sim.

— Himmler tinha a Lança Sagrada verdadeira, mas era demasiado valiosa para estar em exposição, por isso mandou fazer esta réplica a um famoso fabricante de espadas japonês, que viajou de Quioto até à Alemanha. Quando a guerra acabou, Himmler deu-a por serviços prestados ao *Reich*. Foi um momento de grande orgulho.

— Onde está a verdadeira?

— Ah, essa é uma conversa que só vamos ter quando fores mais velho. Deposito grandes esperanças em ti, Lambret. Quero que faças jus ao teu nome e devolvas a luz e a esperança à nossa pátria debilitada. Acredito que o teu destino é um dia encontrares...

Ouviu-se um grito curto vindo da cozinha. Ao ouvir a mãe a chorar, o rapaz deixou cair a ponta da lança no tapete.

Otto Schneider correu para a janela do escritório e abriu as cortinas. Viu um carro preto parado junto ao passeio.

Lambret ouviu passos pesados a percorrer o corredor.

O pai vociferou as palavras «Porcos israelitas. Aconteceu finalmente», e galgou a distância entre a janela e a secretária em duas passadas. Abriu a gaveta central e pegou numa pequena pistola preta, uma *Walther* de modelo igual à que Hitler usara para se matar. Lambret viu-o levar a arma à têmpora.

— Papá?

— Não desvies os olhos! — gritou-lhe o pai. — Não admito que desvies os olhos! Isto vai fazer de ti um homem!

A porta do escritório abriu-se de repente e um intruso gritou:

— Não!

Lambret obedeceu às ordens do pai e ficou a vê-lo a dar um tiro na cabeça.

Capítulo 3

Abruzos, Itália, presente

O jovem Padre Giovanni Berardino acordou da sua sesta vespertina encharcado em suor. As persianas estavam corridas, e o quarto estava escuro e incomodamente quente, apesar da ventoinha ligada sobre a mesa. Até o simples gesto de acender o candeeiro da mesinha de cabeceira se tornara difícil. Já tinha aprendido a sair da cama sem o auxílio das mãos, projetando rapidamente as pernas e aproveitando o impulso para se levantar. Já levantado, inspecionou com alguma hesitação os pulsos envolvidos em ligaduras. Estavam manchadas de sangue fresco. Travando as lágrimas, juntou cuidadosamente as palmas das mãos e inclinou a cabeça, em oração.

O sangramento doloroso havia começado um mês antes. Até ver, tinha conseguido esconder o facto dos seus novos paroquianos de Monte Sulla, a vila medieval no cimo da colina, mas receava ser descoberto e forçado a consultar um médico. As freiras e alguns paroquianos já tinham reparado que a disposição jovial que tinha demonstrado à chegada desaparecera, e os rumores começavam a correr. Estaria preocupado com alguma coisa? Estaria a ser acometido pelas dúvidas que atormentam muitos jovens no início do sacerdócio? Ou haveria algo nos seus novos irmãos e irmãs que lhe desagradava?

A casa do padre ficava do outro lado da praça da antiga igreja de Santa Cruz. O pequeno quarto tinha uma casa de banho anexa, e foi lá que, depois de vestir as calças pretas, começou lentamente

a retirar as ligaduras. Não gostava de olhar para as feridas. Eram profundas e ensanguentadas, do diâmetro de uma moeda de dois euros. Aplicou um pouco de pomada e voltou a enfaixar os pulsos com a ligadura que lhe restava. Teria de comprar mais na farmácia nessa tarde. O farmacêutico tinha feito um comentário sobre a necessidade de tantas ligaduras: «Está a preparar uma múmia, padre?»

Não gostava do escrutínio, mas o que podia fazer? Não podia pedir à Irmã Theresa ou à Irmã Vera que fizessem a compra por ele.

Apesar do calor, fora obrigado a pôr de parte as camisas clericais de manga curta pretas e a optar pelas de manga comprida. Vestiu uma por cima da camisola interior e deu início à lenta e difícil tarefa de a abotoar. Quando terminou, contorceu-se enquanto enfiava o colarinho romano na camisa.

A visão começou de forma tão repentina e inesperada como sempre. Desde que as feridas tinham aparecido, não havia dia em que ele não tivesse uma. Esta era a segunda desde o pequeno-almoço. Tinha aprendido a encontrar algum alívio nesses interlúdios, por inúmeros motivos, um dos quais a remissão da dor que os acompanhava. Fechou os olhos com força e baixou os braços junto ao corpo, permitindo que a visão tomasse conta de si e o perpassasse.

O seu rosto relaxou e ele pronunciou as palavras:

— Sim, sim, sim, sim.

Naquele mesmíssimo instante, Irene Berardino andava às compras no centro de Francavilla al Mare, cerca de 90 quilómetros a leste de Monte Sulla, na costa do Adriático.

Arrastando um pesado saco de compras de nylon, trocou o ar condicionado do supermercado pela humidade da Viale Nettuno. Encaminhava-se para o apartamento que dividia com a mãe quando estancou com os olhos postos no homem que entrava numa loja. A princípio pensou que a mudança brusca de temperatura estava a fazê-la ter visões, mas depressa concluiu que os seus olhos não a enganavam.

Mais ninguém se parecia com o seu irmão, e aquela era a sua geladaria preferida.

Era fácil de detetar, com mais de um metro e oitenta e três, rechonchudo, cabelo preto curto com entradas pronunciadas e longas patilhas *retro*. Já para não falar dos pés, tão grandes que costumavam ser motivo de chacota.

«Isso são sapatos ou traineiras?», costumavam gritar-lhe as crianças.

Sem esquecer o colarinho clerical.

— Giovanni? — chamou, enquanto a porta se fechava atrás dele.

Correu rua abaixo e espreitou pela janela da loja. O dono estava atrás do balcão a servir bolas de gelado com pedaços de chocolate em copos de plástico a uma mãe e aos seus dois filhos pequenos. Nem sinal de Giovanni.

Abriu a porta e entrou.

— Desculpe? — perguntou. — Para onde foi o padre?

— Que padre? — indagou o proprietário.

— O que acabou de entrar.

— Não vi nenhum padre.

— Desculpe — disse Irene —, mas acabei de o ver a entrar.

A mãe fixou a jovem por cima dos óculos.

— Não entrou aqui ninguém — confirmou.

— Isso é impossível — insistiu Irene. — Há alguma casa de banho ou porta das traseiras?

— Só atrás do balcão — disse o proprietário, já um pouco irritado. — Não entrou aqui ninguém. E então, vai querer um gelado ou não?

Capítulo 4

Cambridge, Massachusetts,
três meses depois

O adversário era 25 anos mais novo do que ele; uma luminária do Harvard Boxing Club, onde a maioria dos elementos nunca calçara umas luvas antes de aderir. Kid, um finalista do Louisiana, era a exceção. Integrara durante alguns anos o Junior Golden Gloves no liceu e era o capitão do clube.

Cal Donovan já tinha combatido com ele, mas há algum tempo que não o fazia. Fora um ano em cheio. Com os afazeres do curso e os compromissos de escrita e palestras, o tempo que Cal dedicava ao ginásio ressentira-se.

Enquanto subia para o ringue, Kid interpelou-o.

— Há uns tempos que não o via.

— Tenho treinado em segredo — disse Cal, batendo com as luvas uma na outra.

O ringue de boxe fora montado por baixo de uma tenda a céu aberto na Science Center Plaza da universidade. Era a noite de combate anual do clube, e alunos curiosos entraram na tenda, sentaram-se e, com o evoluir da noite quente, deram início à gritaria e algazarra que a ocasião exigia.

O clube era uma raridade atlética, no sentido em que atraía membros tanto do corpo estudantil como docente, apesar de, nos últimos anos, Cal ser o único professor a participar. A primeira vez que praticou boxe foi durante a sua curta estada no exército, antes de perceber que talvez a universidade não fosse uma ideia

assim tão má. Ao longo dos anos, recorrera à modalidade como forma de aliviar a tensão, mas nem todos, incluindo o seu jovem assistente de canto, achavam que era uma ideia assim tão boa.

Joe Murphy tinha o sotaque de quem acabara de chegar de Galway.

— Olha para o tamanho dele — comentou, enquanto observava Kid a dançar e a desferir uma série de socos no ar. — É muito rápido. Acho que devias desistir.

— Devias ser orador motivacional — disse-lhe Cal. — Faz-te útil e besunta-me de vaselina.

— Onde?

— Nas sobranceiras, Joe. Alguma vez assististe a um combate?

— Não. Como é que ele te vai atingir nas sobranceiras através da proteção?

— Nem imaginas.

Murphy desempenhou a tarefa, saiu do ringue e pegou numa toalha.

— O que vais fazer com isso? — perguntou Cal.

— Estou a preparar-me para desistir. Atirar a toalha ao tapete é o sinal, certo?

O anfitrião, um treinador do Departamento de Atletismo de Harvard, que treinava no clube, pegou no microfone.

— Muito bem, senhoras e senhores, este é o último combate da noite, na categoria de pesos-pesados, mais de 80 quilos. Com calções vermelhos, originário de Baton Rouge, palmas para o capitão do clube e finalista, Jason «Kid Bayou» Moran! — Ouviu-se uma ovação retumbante de um contingente de amigos de Moran da República Adams. — E de calções azuis, sem dúvida o nosso membro mais invulgar, vindo de Cambridge, palmas para Calvin «Ceifeiro» Donovan, professor de História da Religião e Arqueologia da Harvard Divinity School! É ou não é um título e peras?

Cal não tinha seguidores. Recebeu alguns aplausos de cortesia, mas uma mulher sentada algumas filas atrás gritou:

— É assim mesmo, Cal!

Cal virou-se para ela e fez uma vénia exagerada.

Estava com outra mulher, que lhe perguntou:

— Conhece-lo?

— Oh, sim, eu conheço-o.

A segunda mulher insistiu:

— Conhece-lo ou *conhece-lo*?

— As duas coisas. Tivemos um caso há uns anos.

— Pretérito perfeito. Pretérito perfeito é bom. Ele é lindo. É solteiro?

— Tanto quanto sei, sim, mas com o Cal essas coisas nunca são muito certas.

— Quantos anos tem?

— Não sei, uns 45.

— A maioria dos tipos dessa idade que conheço parecem pinos de bowling. Eu era capaz de usar aqueles abdominais como tábua de lavar roupa. Apresentas-mo?

— Com uma condição.

— Qual?

— Promete que depois não me vais odiar por isso.

Depois de Cal e Jason receberem instruções do árbitro, Kid empurrou parcialmente o bocal para fora com a língua e disse:

— Vejo que tem um padre no seu canto. Perfeito.

Em seguida, e com perícia, chupou o bocal, voltando a colocá-lo na sua posição.

Cal recebeu que, se tentasse fazer o mesmo, deixaria cair o bocal no tapete, por isso limitou-se a sorrir e a grunhir.

No seu canto, o Padre Murphy gritou:

— Afasta-te da esquerda dele. E, já agora, afasta-te também da direita.

Ao soar da campainha, Kid avançou em força e esperou que Cal se arrastasse para o centro do ringue, onde foi recebido com uma rajada de ganchos de esquerda, metade dos quais dirigidos à cara. A proteção de Cal absorveu os golpes sem lhe causar dor, mas o mesmo não se pode dizer do soco com a direita que teve no queixo o seu alvo. Sentiu o golpe percorrer-lhe o corpo até às solas dos pés.

Recuou, mas Kid foi atrás dele, enfiando a esquerda na cara de Cal e preparando mais um soco com a direita.

Cal pensou que estava na altura de deixar de ser o saco de pancada de Kid, e avançou com uma combinação esquerda-direita rápida, mas tropeçou nos sapatos tamanho 47 de Jason e foi embater com a anca no tapete.

— Escorregou! — gritou o árbitro, afastando Kid enquanto Cal se levantava.

— Porque não te deixaste ficar no chão? — gritou Murphy.

Era impossível mostrar o dedo do meio ao padre com aquelas luvas. Quando o combate recomeçou, Cal encaixou mais uma série de golpes à cabeça e só conseguiu desferir um *uppercut* certo quando Kid se inclinou para ele. Apanhou-o em cheio na testa, coisa que não pareceu abrandá-lo. Ofegante com o esforço, Cal tentou deixar o tempo acabar sem voltar a ser atingido, mas Jason não o deixaria levar a sua avante. Continuou a cilindrá-lo, lançando-lhe combinações eficazes contra a cara com os seus longos braços. Cal começava a sentir-se tonto. Podia deixar-se cair ou tentar outra coisa. A cabeça de Kid estava fora do seu alcance, mas a barriga não. Alvejou o tronco de Jason e acertou-lhe com um gancho de direita assim que a campainha soou.

Murphy estava à sua espera no canto com um banco, uma garrafa de água e um balde.

— Muito sinceramente, não aguento ver isto — disse, enquanto esguichava água para a boca de Cal. — Nunca pensei que fosse tão violento.

— Não sabias que o boxe era violento? — perguntou Cal, ofegante.

— Ao nível universitário, creio que nunca me ocorreu que fosse.

— Estás a ver aquilo? — perguntou Cal, a olhar para o canto do adversário.

— O quê?

— Ele está a esfregar o estômago. Acho que fiz mossa. Pareceu-me pouco firme na barriga. Deve estar a desleixar-se, como é típico nos finalistas. Aposto que abusa da cerveja, do pão e das massas.

— Fazes o favor de não te referires à minha dieta nesses termos pejorativos?

— Vou tentar uma coisa. Se não resultar, vou precisar de boleia para o Cambridge City Hospital.

O colarinho clerical de Murphy estava torto, e ele ajustou-o.

— Nunca pensei que ter-te como orientador de tese implicasse deveres tão díspares.

Quando a campainha soou para o segundo assalto, Cal deixou que Kid viesse ter consigo, mantendo uma postura puramente defensiva: curvado na cintura, luvas levantadas a proteger a cara e os braços e cotovelos a proteger o tronco. O adversário mordeu o isco e aproximou-se, disparando uma rajada de *uppercuts* contra as luvas de Cal, na tentativa de as afastar e de lhe chegar à cara.

Cal amparou os golpes com as luvas durante uns 30 segundos, até sentir que Kid estava a perder ímpeto. A seguir, quando o jovem baixou a direita para tentar ganhar mais velocidade para o *uppercut*, Cal atacou, arremessando o punho direito num ataque-relâmpago ao estômago.

Kid grunhiu e baixou momentaneamente as mãos. Cal complementou com um soco com a esquerda no mesmo local, seguido de um golpe potente com a direita e depois novamente com a esquerda. Kid voltou a grunhir e recuou com o olhar vidrado, por isso Cal não foi atrás dele. Antes de o árbitro poder reagir, Kid projetou o bocal, e logo depois o almoço.

O clã da Adams House começou a invetivar o seu representante e a atirar folhetos amarrotados para dentro do ringue.

Foi quando o árbitro interrompeu o combate, elevando o braço de Cal em sinal de vitória. Cal aproximou-se de Kid e pôs-lhe o braço à volta dos ombros descaídos.

— Foi um bom combate, Jason. Ainda bem que és finalista; assim não terás hipótese de pedir a desforra.

Murphy subiu para o ringue e deu os parabéns ao seu mentor.

— Boa malha, professor. Dignifica esta modalidade deveras perturbadora.

Cal apontou para a sujidade no centro do ringue.

— Eu disse-te que o miúdo andava a comer massas a mais.

Cal estava a tirar as ligaduras das mãos numa cadeira da primeira fila quando as duas mulheres se aproximaram.

— Impressionante, Cal. — A ex-namorada era professora assistente de Antropologia.

Ele sorriu.

— Olá, Cary. Tive sorte.

— É mesmo teu. És um tipo sortudo. Quero apresentar-te uma amiga. A Deborah acabou de integrar o corpo docente no Departamento de Química.

— Olá! — cumprimentou-o Deborah com um entusiasmo pueril.

— Bem, o meu trabalho está feito — disse Cary, despedindo-se. — Deixo-vos a sós.

— Isto é algum tipo de emboscada? — perguntou Cal, continuando a tirar as ligaduras.

— Mais ou menos. Sou nova por aqui. Tenho de ser um pouco agressiva quando quero conhecer pessoas interessantes.

Ela era demasiado americana e certinha para o seu gosto, mas ele gostou da ousadia.

— Bem, não sei muito sobre o Departamento de Química, mas posso dar-te algumas dicas mais genéricas sobre sobrevivência no meio académico. Almoçamos amanhã no refeitório dos professores?

— Onde fica o refeitório dos professores?

— És mesmo novata. Apanho-te à porta dos Laboratórios Mallinckrodt ao meio-dia.

O almoço no refeitório dos professores, uma sala clara e de uma elegância sóbria, era servido como bufete. Depois de encherem os pratos, Cal e Deborah regressaram à mesa de dois lugares, à janela.

O empregado apresentou a carta de vinhos, mas ela disse-lhe que não bebia álcool.

— Eu bebo — adiantou-se Cal, e pediu vinho branco.

— A Cary disse-me que és um bom copo.

— Que mais te contou ela?

— Que foi ela quem acabou contigo, não o contrário.

— Até ver, ela é uma testemunha fiel dos acontecimentos.

— Não lhe fiz muitas perguntas — disse ela. — Prefiro tirar as minhas próprias conclusões.

— Admirável.

— Mas fiz uma pesquisa sobre ti. Só coisas factuais.

— Não verificaste o meu cadastro?

— Para isso, preciso do teu número da Segurança Social.

— E o que descobriste?

— Nada que te surpreendesse. Um dos professores mais jovens de sempre de Harvard...

— O 15.º mais jovem, mas isso que interessa? Se não tivesse desperdiçado dois anos no exército, podia muito bem ser o 11.º.

— A tua cadeira de História da Religião é uma das mais populares da universidade.

— Sou generoso a dar notas.

— Publicaste mais de 20 livros e 300 artigos.

— Muito tempo livre, é no que dá.

— Tens sempre uma resposta na ponta da língua.

— Isso estava na minha página da *Wikipédia*?

— Não, foi uma observação pessoal. Não leves a mal a pergunta, mas porquê o exército?

— Foi o ato rebelde de um miúdo de 18 anos. Digamos que tive uma educação *sui generis*. Os meus pais eram casados, mas tinham uma relação aberta, e, antes que penses que isso era uma coisa boémia e sofisticada, para mim era uma enorme confusão, com todo o tipo de gente esquisita a entrar e a sair das nossas vidas e a interferir com a nossa tranquilidade doméstica. Sou filho de Walter Donovan, o oitavo professor mais jovem de sempre de Harvard, um católico irlandês de Boston; e de uma mãe judia do Upper East Side de Manhattan. Fiquei com o apelido dele e ela pôde escolher o meu nome do meio, Abraham. Num ato raro de entendimento, ambos escolheram um primeiro nome tipicamente protestante, Calvin.

— A Cary disse-me que as tuas iniciais, CAD¹, diziam tudo.

— Não é uma observação original.

— Como é que conseguiste cumprir apenas dois anos de serviço no exército?

¹ Em inglês, «canalha». [N. T.]

— É uma longa história, mas, resumindo e concluindo, dei um murro ao meu sargento. Devia ter sido uma dispensa desonrosa, mas o meu pai conseguiu que o nosso senador mexesse uns cordelinhos. Harvard aceitou-me na mesma, mais uma vez por causa do meu pai. Mas chega de falar sobre mim. Costumas ir a muitos combates de boxe?

— Aquele foi o meu primeiro. A Cary achou que podia ser interessante.

— E foi?

— Diria que sim.

Ela era uma recém-nomeada professora assistente que fizera a maior parte da sua formação em Penn. O ano letivo estava prestes a terminar e ela planeava usar o verão para montar o laboratório e trabalhar no currículo da primeira cadeira que lecionaria no outono. Tinha entrado para o corpo docente com os olhos postos no quadro e com um milhão de perguntas sobre os procedimentos da universidade para lá chegar. Não comeu sobremesa; já ele, comeu uma dose generosa de pudim de pão. Quando terminaram o café, ele disse-lhe que tinha de voltar para o gabinete.

— Gostei muito deste bocadinho — concluiu ela.

Ele concordou.

— Vais ficar por cá no verão?

— Em parte, sim. Costumo fazer trabalho de campo, mas tenho um livro para entregar. Vou passar, no mínimo, um mês em Roma, como de costume.

— Parece-me muito bem. — Tirou um cartão de visita da mala e escreveu o número de telefone no verso. — Caso estejas por cá e queiras ir beber um copo um dia destes — disse.

Ele guardou o cartão no bolso do blazer com um sorriso matreiro.

— Pensava que não bebias álcool.

— A Cary avisou-me que, se saísse contigo, o mais certo seria começar a beber.

Divinity Hall era o edifício mais antigo de Harvard fora do claustro do Harvard Yard. Erigido em 1826, a sua fachada de tijolo

vermelho simples era o paradigma da sobriedade protestante. Na sua história da Divinity School, George Huntston Williams escrevera que os alunos de Teologia tinham de ficar hospedados longe dos pós-graduados, não fossem beber «mais do espírito da Universidade do que do espírito da sua profissão». Para Cal, a localização era ideal. Só tinha de descer os degraus de granito e atravessar a Divinity Avenue para entrar na sua segunda casa, o Peabody Museum of Archaeology and Ethnology.

O seu gabinete estava imaculadamente arrumado. Os livros que não cabiam nas prateleiras estavam dispostos na vertical em pilhas muito direitas em cima da secretária e nas mesas de apoio. Um computador portátil estava aberto em cima da secretária no capítulo que Cal estava a escrever para o seu novo livro sobre São Tomás de Aquino, com o cursor a piscar sobre a palavra «Deus». Caixas com fichas bibliográficas com as suas notas de pesquisa estavam dispostas no chão. Cal era meticoloso no que tocava ao seu sistema de arquivo. As suas técnicas de registo de notas eram uma ode aos tempos anteriores aos computadores, em que imperavam os apontamentos a tinta permanente em fichas bibliográficas de 7,5 por 12,5 centímetros. Quando chegava a altura de escrever um livro, as fichas eram baralhadas e ordenadas até delas emergir um capítulo. Fora assim que vira o pai fazer pesquisa e até hoje ainda usava as antigas canetas *Montblanc* do pai.

O Padre Murphy encontrava-se sentado à frente de Cal para a sua sessão semanal de orientação da tese, uma ensaboada bem-intencionada com vista a manter o jovem padre no bom caminho rumo à conclusão da tese de doutoramento no ano seguinte. O seu tema era um estudo dos ensinamentos do Papa Gregório I, um dos primeiros cronistas de São Bento. Debruçado sobre uma impressão da mais recente secção de Murphy, Cal estava a repreendê-lo por uma tradução do latim de uma das bulas papais sobreviventes de Gregório.

— Acho que estás a deturpar o significado desta bula para que se adequa à tua tese — admoestou.

— Não concordo — disse Murphy, na defensiva, antes de reconhecer que talvez tivesse feito precisamente isso.

Uma das secretárias do departamento bateu à porta do gabinete de Cal.

— Estou numa reunião — disse Cal.

A mulher parecia afogueada.

— Peço desculpa, professor, mas é o cardeal.

— Qual deles? São 219.

— O Cardeal Da Silva.

O cardeal de Boston era um velho amigo de Cal, e Murphy começou a arrumar a sua papelada, ciente de que estava prestes a ser dispensado. Cal olhou para o telefone que estava em cima da secretária. Nenhuma das linhas estava a piscar.

— Bem, não podemos deixá-lo à espera — disse Cal. — Pode passar a chamada.

— Ele não está ao telefone — informou ela —, está lá fora. Pede desculpa pela interrupção, mas diz que é urgente.

Murphy disse prontamente que estava de saída.

— Não queres conhecê-lo? — sugeriu Cal.

— Faça-lhe uma breve vénia à saída. Será suficiente.

— Com essa atitude, nunca chegarás a bispo.

— Não está na minha lista de desejos.

O cardeal entrou de rompante e cumprimentou Cal efusivamente com uma sonora palmada no ombro. Era baixo e gorducho. A túnica negra esvoaçante e a faixa escarlate formavam as vestes perfeitas para ocultar o facto de ser um bom garfo. Trazia na cabeça um solidéu escarlate, moldado na perfeição à cúpula da sua grande cabeça calva.

— Obrigado por me teres recebido sem eu ter avisado previamente — disse, sentando-se na cadeira ainda quente do corpo de Murphy.

— *Minha casa é sua casa* — respondeu Cal. A sua pronúncia portuguesa era deficiente, mas o cardeal apreciou o esforço.

— Há alguma coisa que não saibas? — perguntou o cardeal.

— A minha ignorância é mais vasta do que estou disposto a admitir — disse-lhe Cal. — Em que posso ajudar-te?

— Bem, não costumo entrar nos gabinetes das pessoas sem ser convidado, sobretudo no de alguém tão ocupado como tu. Mas

estava de passagem por Cambridge e tinha um assunto urgente a tratar contigo.

Cal tinha conhecido Da Silva anos antes, quando era bispo de Fall River, uma cidade com uma forte presença portuguesa. Fizeram ambos parte de um painel que debatia a posição da Igreja sobre as mulheres e a liturgia, defrontaram-se amigavelmente em palco e rapidamente se tornaram amigos desde essa altura. Cal estava ao seu lado quando foi nomeado arcebispo da arquidiocese de Boston e acompanhou-o a Roma quando Da Silva recebeu o galero escarlate das mãos do Papa.

— O que te trouxe à nossa bela cidade? — perguntou Cal.

— Um triste motivo. Um amigo paroquiano está no hospital, às portas a morte. É originário da minha aldeia nos Açores. Foi um consolo para a família que fosse eu a dar-lhe a extrema-unção.

— Foi gentil da tua parte.

— Quando ia para sair do gabinete, recebi um telefonema do Santo Padre. É raro ele ligar-me pessoalmente, por isso tive a certeza de que era um assunto importante. E tinha que ver contigo.

Cal pestanejou em choque.

— Comigo?

— Sim, ele pediu especificamente a tua ajuda num assunto delicado.

— Não sabia que ele estava a par da minha existência. Nunca nos conhecemos.

— Ele é muito versado, sabes. É um homem de grande curiosidade intelectual. — O cardeal levantou-se da cadeira e pousou o dedo indicador sobre uma lombada na estante de livros. — É por causa disto que ele pede para falar contigo.

Era um dos livros de Cal, *Chagas Sagradas, Uma História dos Estigmas desde a Idade Média Até ao Presente*.

— Ele leu o livro? — indagou Cal com incredulidade.

— Aparentemente, sim. Elogiou-o bastante. Disse que o achou bastante equilibrado e sensato. Pediu a minha ajuda para entrar em contacto contigo e ficou encantado quando soube que não só te conhecia, como éramos amigos.

— Sinto-me lisonjeado. Sou todo ouvidos.

— Conheces a história do jovem padre italiano que afirma ter estigmas nos pulsos?

— Giovanni Berardino. Claro.

Da Silva bateu as palmas rechonchudas.

— Vês como sabes tudo?

— O caso dele recai na minha esfera de interesses. Tenho alguns uma pasta com recortes de jornais italianos. Se alguma vez fizer uma versão revista do livro sobre os estigmas, terei de abordar o caso dele. Que interesse tem isso para o Papa?

— Nos poucos meses desde que o caso dos estigmas dele se tornou público, peregrinos e turistas começaram a acorrer à vila do padre. Parece que a situação ficou rapidamente fora de controlo. Os paroquianos já não arranjam lugar nas missas. A polícia e as autoridades locais estão assoberbadas pelas multidões, sobretudo aos domingos, e o Vaticano está a ser bombardeado por jornalistas que querem saber qual é a posição da Igreja sobre esta matéria.

— Pensei que a Igreja fizesse o que costuma fazer nestes casos: reunir a Comissão dos Milagres e emitir um comentário.

— O Santo Padre acha que é necessário implementar um passo intermédio num caso com esta visibilidade. Uma Comissão de Milagres pode demorar meses ou anos a concluir os trabalhos. Ele acha que tens a credibilidade e a perspetiva histórica e teológica certas para levares a cabo uma investigação rápida e discreta que exclua o resultado mais óbvio.

— Que o padre é um charlatão.

O cardeal aquiesceu.

— Se o jovem estiver a induzir as chagas, será discretamente afastado da sua posição e receberá a ajuda necessária.

— Este tipo de investigação requer exames médicos. Eu não sou médico.

— Será indicado um médico competente da *Consulta Medica*. Conheces o grupo?

— Claro. Um grupo de médicos católicos que examinam as provas médicas de curas milagrosas para inquéritos em matérias de santidade.

— Correto. A *Consulta Medica* costuma atuar em colaboração com a Congregação para as Causas dos Santos, o gabinete que analisa as candidaturas à santidade. Neste caso, o Santo Padre não tenciona recorrer à CCS, tendo em conta que não investigamos um possível santo. — Interrompeu-se com uma gargalhada. — Pelo menos, até ver. Em vez disso, recorreremos ao organismo que investigou o Padre Pio, a Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida pelo Cardeal Gallegos. Atuarias como consultor da CDF.

Cal suspirou.

— Quando é que o Papa quer este assunto resolvido?

— Em função da tua agenda, o mais depressa possível.

Esta resposta suscitou um franzir de sobrolho.

— Terei de pedir autorização a Tomás de Aquino.

— Como assim?

Cal virou o portátil para o visitante.

— Tenho de terminar o meu livro sobre Aquino.

— Compreendo. Bem, tenho a certeza de que São Tomás ficaria encantado por saber que estarias a servir o Santo Padre. Quanto a mim, recordo-me de uma das citações do santo: «Não há nada na Terra mais valorizado do que a amizade verdadeira.» És um verdadeiro amigo, Cal.

— Só há uma coisa que quero pelo meu trabalho.

— O quê?

— Gostaria de conhecer o Papa.

— Isso não será problemático. Ele conta que apresentes o teu relatório pessoalmente.

UM APARENTE MILAGRE

Em Abruzos, uma região no centro de Itália, um jovem padre aparece com chagas nos pulsos, levando toda a gente a pensar que desenvolveu os estigmas da crucificação. O Vaticano decide investigar o caso, convocando Cal Donovan, professor de Harvard especialista em Religião e Arqueologia, para apurar a verdade.

UM SEGREDO DEVASTADOR

Depois de falar com o padre, Cal acredita não estar perante uma fraude, e em pouco tempo percebe que por detrás dos estigmas se esconde um terrível segredo. Simultaneamente, em Berlim, uma organização neonazi toma conhecimento do padre estigmatizado e acredita que ele é a chave para a criação de uma arma mortal catastrófica.

UM RESGATE PERIGOSO

Quando o padre é raptado pelos neonazis, começa uma perigosa corrida contra o tempo. Apenas Cal pode encontrar a organização implacável e detê-la, antes que uma catástrofe apocalíptica seja desencadeada.

«Glenn Cooper
não é um escritor de thrillers vulgar,
mas um que levanta grandes questões.»

Sunday Telegraph

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-707-985-6



9 789897 079856

Thriller